

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. II.

Domingo 6 de Abril de 1856.

N. 9.

LITTERATURA.

Os meus sonhos

OU

A HERANÇA DE MEU TIO

NOVELLA.

II.

Comecei então a andar por diferentes vezes os cem passos de terreno que ha em frente da minha herança ; ao cabo de meia hora, Felicidade tornou a apparecer, acompanhada por um homem gordo, corado, com óculos dourados, que se deu a conhecer como sendo o tabellião Diogo, e a quem entreguei a carta que me tinha escripto; assim como os documentos comprovativos da identidade da minha pessoa. Depois de ter tomado conhecimento d'elles á luz de uma candeia, quiz reconhecer bem a minha pessoa em questão, e ordenou que me deixassem entrar.

Durante estas formalidades, continuei a bater com as solas no chão afim de aquecer os pés, e a amaldiçoar, em voz baixa os tabelliães de aldêa.

Quando a porta finalmente se abriu, declarei seccamente ao senhor Diogo, que no dia seguinte iria á sua casa para pôr as cousas todas em regra, e entrei precipitadamente para um escuro corredor, sem o convidar a que me seguisse.

A velha criada brevemente appareceu com a sua candêa, e conduzio-me para um salão antigo, mobiliado com quatro cadeiras de couro, uma velha poltrona estufada, e não tendo por adorno senão duas figuras de gesso, representando uma o marquez de Pombal, e outra D. José I, collocadas sobre uma meza entre quatro jarros de jaspe.

A dificuldade que tinha tido em me fazer reconhecer, reunida ao incommodo produzido pela estrada e pela neblina, pôz-me de máo humor, e qual não procurei mesmo occultar.

Ordenei desabridamente á governante que me acendesse lume e me preparasse a ceia, em quanto eu ia tomar conhecimento do resto da casa.

Pegando então n'um velho e negro castiçal, em que havia um coto de vella, adornado por uma arandella de moscas mortas, comecei a percorrer a habitação do defunto tio.

Tudo correspondia ao salão em que tinha sido recebido. As tapeçarias desbotadas eram variegadas, em algumas partes, por peças mais novas, que lhes davam o aspecto de farrapos remendados ; os moveis, de formas antigas e toscamente trabalhados, apenas guarneciam imperfeitamente aposentos mal fechados; desvelo, elegancia, commodidade, tudo faltava nesta velha habitação : ali encontrei, segundo a minha opinião, um testemunho eloquente da rusticidade de nossos pais, e mais uma prova de que o bom senso e o bom gosto só tinham verdadeiramente começado na nossa geração.

O quarto de dormir, sobre tudo, causou-me abalo ; o leito em fórma de ataúde, estava encerrado em quatro cortinas de sarja verde, picadas pela traça, sobre uma meza já sem gavetas ; achava-se um jarro rachado e uma bacia de mãos de diferente côr, finalmente, ao longo da parede, pendiam velhos retratos de familia, capazes de metter medo a uma criança de vinte e quatro annos, ou para melhor dizer, fazer causar crises nervosas a um entendedor.

Pintados em diversas épocas, representavam personagens de diferentes profissões, entre os quaes notei um ecclesiastico, um commerciante, um juiz, um official, e finalmente um homem muito pançudo *semi-burguez, semi-vilão*, que a senhora Felicidade me declarou com todos os pontos de admiração, ser o seu defunto amo.

A discreta governante tinha vindo participar que a ceia estava prompta, segui-a pois para o salão.

A mesa estava posta, e o seu aspecto causou-me impressão. A toalha que em meu obsequio, tinha sido tirada de um armario reservado, era matisada de riscas vermelhas; em quanto á finura de seu torçal, poderia com facilidade amarrar algum salteador da falperra ; os pratos de barro pareciam illustrados por immundos arabescos, que provavam o emprego do garfo e das facas ; os copos, sem base, não se assemelhavam aos copinhos das nossas antigas bodegas; finalmente,

dois saleiros cambaios offereciam ao commercial, para tempero, sal de cosinha e pimenta moída.

A senhora Felicidade servio-me com uma magra sopa, e os restos de uma gallinha choca, á qual apenas a sua maternal sollicitude tinha deixado a pelle e os ossos. A governante declarou-me que era este o sustento diario de seu defuncto amo; mas, por obsequio a mim, augmentou-o com tres maças quasi pôdres, e um pedaço de queijo em perfeito estado de putrefacção!

Quiz provar o vinho, era uma zurrapa turva; fabricada com a uva do refugio.

Mais descontente do que nunca com a minha viagem, decidi-me a ir para a cama.

A velha alumiou-me até ao quarto de dormir. O grande leito funebre, e os velhos e denegridos retratos ainda me desagradaram mais do que da primeira vez. Porém lançando as minhas vistas segunda vez pelo quarto, notei ver n'elle uma commoda monstro, com tamanhas gavetas que com facilidade poder-se-hia guardar n'ellas todo o uniforme da soldadesca e officialidade, que entraram na guerra peninsular.

(Continua.)

SERPA PINTO.

Mathilde.

Sem possuir essa belleza que impressiona, elle poderia passar por um bello rapaz. Dotara-o Deos com esse character voluvel que, desperta em nós sentimentos oppostos e tão variados, que era forçoso conceder-lhe uma excepcionalidade, que os outros não tinham. Carlos servia-se d'essa distincção segundo as circumstancias, mas é necessario confessal-o, nunca em prejuizo dos seus semelhantes. Elle era em casa do doutor Rego, uma providencia benigna.

Sem elle todos participavam da tristeza de Luiza, sem elle o pobre misantropo via-se obrigado a odiar a vida, e em fim até Luiza, impenetravel, como era, sentia-se outra ao lado de Carlos. Anotecêra. O doutor convidou os seus amigos a entrarem para o interior da casa, e em breve, este, Tristão, e os dous Cardozos se sentaram a uma meza de jogo. O doutor Henrique fôra prevenindo-o primeiro de que não conhecia qualidade nenhuma de cartas; esta confissão surpreendeu-o bastante, porque se lembrava do seu tempo de estudante. Meu charo doutor, disse o dono da casa, advirto-lhe que, a unica distracção que achará aqui é o *voltarete* de noite, e passeios pela margem do rio de dia; assim pois conto já que deve passar aborrecido n'uma tal casa!

Não, atalhou o tio Cardoso, Henrique é facil de contentar, além d'isso tem o piano para se dis-

trahir quando quizer. O Sr. toca piano? perguntou Rego. E perfeitamente, tornou Cardozo; meu tio exagera bastante essa informação; toco piano como é possível fazel-o, quem toma esse instrumento no sentido imperfeito, sou curioso nada mais. Que modestia! atalhou Cardozo. Pois bem disse Rego, curioso ou artista convidou-o desde já a tomar posse do piano de Luiza, que o tem abandonado de todo; e a não ser Carlos creio que teria de dar-lhe outro destino.

O Sr. Carlos toca tambem? E muito, mas é preguiçoso... Não ha tal, interrompeu este espreguiçando-se na cadeira em que se achava sentado perto da mesa; sou atacado por vezes d'essa molestia, mormente quando os vejo ás voltas com as cartas, agora mesmo estava pensando na maneira porque poderia passar a noite mais entretido.

N'esse caso peça-lhe que não nos deixe sem tocar alguma cousa, disse o doutor Gama vendo que Carlos hia levantar-se. Obedeço para satisfazel-o, mas não espero que possa preencher o seu desejo. Vamos, Sr.; Carlos encaminhou-se para o piano. Os quatro parceiros largaram as cartas, Luiza o seu bordado, e o doutor Gama esperou. Que querem que toque? O que quizer disseram todos á uma. Uma aria da ópera *Torquato Tasso*. Não, balbuciou Luiza empallidecendo. Porque, minha filha? perguntou o doutor Rego sorpreso. Luiza inclinou a cabeça, e não respondeu.

Advinho a razão, disse Henrique ao ouvido de Carlos, toque a aria do 2.º acto de *Torquato*; eu lhe peço. Carlos começou. Em breve uma bella voz de tenor se misturava com a musica, o extravagante rapaz queria surprehender Henrique. Para quem conhece a tristeza, o amor e o infortunio que revela a ópera em questão, facil será advinhar o effeito que ella produziria nos assistentes; o brasileiro sobre todos exprimia com uma linguagem muda, mas bastante distincta, a impressão que a voz de Carlos lhe despertava. Luiza que inclinára, como disse já, a cabeça para esconder a pallidez de seu rosto, levantou-a pouco a pouco; um rubor vivo lhe tingio as faces, seu cóllo arfou com violencia, e quem lhe seguisse todos os movimentos diria que um anjo descera á terra para dar áquella musica a expressão divina que trouxera do céu! Era evidente que Carlos, animado pela presença de Luiza, queria destruir qualquer impressão menos favoravel, que o seu character vesse produzido no espirito do doutor Henrique, com quem sympathisara de prompto. Este expediente tornava-se desnecessario, por que o joven doutor não tinha esse egoismo tão conhecido, que torna imperdoavel qualquer pequeno defeito; é por isso tambem que foi elle o primeiro que felicitou Carlos; agradecendo-lhe a fineza de satisfazer por tal sorte a sua rogativa. O nosso heroe foi cumprimentado por todos, e o tio Cardoso prometteu consagrar-lhe um poema. Carlos acolheu

esses cumprimentos sem affectação, e em pouco tempo tudo voltou ao seu estado primitivo. O doutor Gama sentou-se ao pé de seu pai, advinhara que Carlos queria fallar com Luiza, e discreto como era, tomou uma posição que lhe não permittia surpreender nada. Não se enganava, Luiza fez signal áquelle, que se apressou em obedecer, indo sentar-se junto d'ella. Obrigado, Carlos, disse Luiza com extrema doçura. Porque não querias ouvir aquella aria? Porque me despertava a recordação do dia em que te confessei o meu amor, e recejava trahir-me; mas meu pai é tão bom e tão crédulo, que não pôde advinhar a causa do meu pedido... Fallaste hoje com Mathilde? proseguio Luiza lançando a Carlos um d'esses olhares meigos e carinhosos, que revelam uma paixão profunda. Não, respondeu o manco com tristeza, mas espero fazel-o d'aqui a pouco; são 7 horas, e breve irei esperal-a na mata. Pobre menina! tornou Luiza voltando o rosto para esconder as lagrimas, quanto receio por ella!

Nada temas, disse Carlos levantando-se, d'amanhã em diante Mathilde será minha irmã! obrigado, obrigado.... como poderei eu deixar de amal-o! atalhou Luiza como fallando a si mesma. Carlos apertou a mão que a joven lhe estendera, e veio reunir-se no resto das pessoas, que, entretidas com o jogo, nada tinham visto do que se passára com elle e Luiza. Em pouco tempo Carlos, que aborrecia o jogo, aborreceu-se tambem, e demonstrou-o com repetidos abrimentos de boca. Por fim levantou-se.

Aonde vais? perguntou-lhe Tristão.

Passar. Ora essa! E então, não querem ver que meu tio prefere que eu durma na cadeira e dê por ahi algum tomo em regra... nada... vou passear...

Boas noites, boas noites? Carlos desapareceu pelo corredor, recitando o verso com que fizera a sua entrada na varanda.

(*Continua.*)

o misterio d'uma noite.

ROMANCE

POR JOSÉ MIGUEL DIAZ FERREIRA.

CAPITULO IV.

Mathilde deixou-se cahir na cadeira, ao pé do leito de sua filha, e ficou quasi desfallecida. Amelia já estava restabelecida, e ficou assustada, ao ver o rosto pallido de sua mãe. Minha mãe, o que sentis?

Mathilde reanimou-se, e voltando-se para ver

se não era ouvida de mais ninguem, respondeu-lhe: Amelia! quão terriveis scenas acabo de presenciari! Oh, minha filha, parece-me um sonho; aquelle homem que tanto te amava, e que nós tínhamos por morto, está ahi, é esse intitulado medico! Será realidade!? minha mãe, não vos enganastes? oh! eu tambem o tinha visto!... disse a moça escondendo o rosto entre as mãos; tu minha filha? sim minha mãe; foi elle a causa de meu desmaio! oh! Amelia, e estavas calada?

Oh! ressuscitado!... Gustavo de Magalhães, é vivo!...

Oh! desgraçada que fui! agora comprehendo que aqui se encerrava um horrivel trama! sim meu Deos, e eu fui a victima. Eu que tanto amei, e que tanto fui amada; obrigada ainda na flôr da idade, a casar-me com um homem a quem nunca votei uma amizade do coração!... eu vivia amargurada, e esta vida ainda é um horrivel soffrimento.

E porque? só porque possuia fortuna!... de que serve o dinheiro que se chega a possuir, por um casamento forçado; se jámais se pôde conquistar o coração da infeliz que vai perder até o ultimo instante de sua existencia!? oh minha mãe, e quem será a culpada; eu, ou vós? Ah! vós não quizestes attender a meus rógos; fostes vós que quizestes o meu casamento com Faustino. O coração me advinha que Gustavo quer vingança! e eu sou innocente. Amelia, o mal está feito; já não ha remedio! eu quiz o vosso casamento concluido, Faustino tambem tem fortuna; e Gustavo, o que era, e o que é?...

Minha mãe, não offendais a honra de Gustavo; elle sempre foi um homem franco e de coração leal.

Amelia, muito embora tudo isso, hoje já é tarde! já não ha mais remedio, a culpada fui eu; e mais ninguem.

Hoje és espoza de Faustino; elle é homem resolutivo e deve defender tua honra. Oh! minha mãe, não vá encolerisar a Gustavo; elle ha de querer vingar-se, pôde derramar sangue... e que vergonha para nós. Não manchemos a sepultura de meu pai!...

Mathilde já se tinha encaminhado para a porta, depois voltou-se mais alegre para sua filha. Amelia; um pensamento me occorre, elle nos vai servir de muito; e abrindo uma secretaria tirou um papel; olha; esta é a carta que nos confirmava sua morte; tudo o mais se fez, depois que ella recebemos; elle deve conhecer a assignatura, e assim descobre o auctor do trama que nos enganou. Minha mãe; esperai, ouvi-me;.. falla, Amelia. Se elle por acaso aplacar a ira que deve ter contra mim á vista d'essa prova; como poderei viver mais ao pé d'um homem, que não me ama, e que a mim me causa horror?... O que ouço, Amelia!?... mas se Gustavo é vivo, elle não pôde

soffrer tanto; ver-me nos braços d'outro!... oh! meu Deos! para que me fazeis soffrer tanto?..

Amelia soluçava, com o rosto entre as mãos; Mathilde estava cabisbaixa, e procurava na mente um ardid para dar fim a uma scena tão penosa para sua filha. Minha mãe, em ultimo lugar, o divorcio será minha vingança! Amelia! tentarás praticar semelhante cousa? ainda persistes em amar a Gustavo, e elle acaba de dizer-me que te aborrece?! Elle só quer vingança; e tu ainda lhe poderás ter amor? Tem confiança em Deos, Amelia, Faustino é teu espozó; eu não quero que ames a mais ninguem, a isso te obrigam os deveres de espozó; eu vou provar tua innocencia, e despedir para sempre a Gustavo de Magalhães!... elle quer sangue! Sangue! dizeis vós? Sim Amelia, elle procurou-te só para vingar-se! Oh! estou perdida; nem mesmo Gustavo já me ama!.. Mathilde sahio, e a porta fechou-se.

(Continúa).

Paginas íntimas.

O OPERARIO

VII.

Vita sibi sufficientes operarij condulcabitur et in ea invenias thesaurum.

ECCL. CAP. XL.

Como é agradável o trabalho, *essa emanção de Deos*, doce e suave para aquelle que acha n'ella uma consolação moral; pesada e material para o que toma a expressão como uma pena imposta ao primeiro homem!

Como é agradável a vida do jornalista, que conhece por instincto essas palavras da biblia em que nos fundamos.

Como é agradável lançar á terra o germen d'aquillo, que nos sustentara mais tarde!

Como é agradável vêr os campos floridos, as arvores côr d'esmeralda e pouco depois curvadas ao peso do fructo.

Como é agradável em fim, achar-se em tudo o vistigio indelevel de um sopro benefico de Deos, e depois o trabalho do homem, que plantou, regou e cuidou d'essas arvores, que, seccas no inverno apparecem na bella estação, adornadas das galas que encantam os olhos e o coração!

Como é doce poder-se agradecer ao Creador o fructo — a compensação d'esse trabalho de muitos mezes!...

É no campo—perante o expectaculo magnifico d'uma natureza tambem magnifica, que o homem

póde gozar a paz — esse socego do coração que o rico, o opulento difficilmente achará na cidade.

O operario, como o jornalista levanta-se ao primeiro arrebol da manhã.

O segundo destinado a transformar essa terra adornando-a das garridas galas que se identificam n'ella, recebe esses ambientes agradaveis da natureza que desperta!

Ouve o primeiro canto dos passarinhos, seu coração dilata-se, e um sentimento inexprimivel se apossa d'elle.

O campo — como saudozo d'elle, chama-o.

As plantas, pudentes e murchas, reanimam-se logo — porque o jornalista participa mais que ellas d'esse bafejo vivificante do omnipotente!

A terra — massa bruta e sem significação é em pouco tempo o receptaculo dos beneficios que Deos concedeu aos homens com o peccado de Adão.

Depois... o trabalho, e sempre o trabalho.

Para o jornalista a temperatura ardente d'um sol do estio, é o sopro que deve animar gradualmente aquillo que plantou.

O frio do mais rigoroso inverno nem sequer lhe vem á lembrança. Recebe tudo como emanado de Deos, e agradeçe-lhe com fervor.

Para o jornalista o trabalho é uma acção de graças, as ineffaveis bondades do Omnipotente! Canta e ri ao mesmo tempo.

Lgrimas? Oh! não as tem n'esses momentos.

Se algum dia chora não é no campo, não é no trabalho.

A vida real morre ali.

O mundo não desperta d'esse bem estar intimo e consolador, que elle comprehende, mas não explica.

Perguntai-lhe a razão por que desconhece as cousas mais simples d'esse mundo em que não vive; interrogai-o sobre a maneira por que cogita as consequencias, sem profundar a causa, responder-vos-ha que não sabe; dir-vos-ha que Deos se revela em tudo, e que a nossa religião ensina a respeitar essas consequencias, sem que um pensamento anterior nos authorise a investigal-as.

Vós exprimis uma idéa egoista.

Elle uma crença arreigada.

Não o desperteis pois d'essa vida placida e socegada, e vereis uma pintura dos costumes patriarchaes dos primitivos tempos...

O mundo, isto é o mundo elegante, ainda não impellio para o centro d'essas povoações campestres o ar empestado das cidades, em que tomamos por civilisação aquillo que nada mais é que a immoralidade

O mundo ainda não levou entre ellas a discordia e o pranto.

A vida ali é doce, como o maná dos livros santos, os seus pensamentos são puros como a gota

d'orvalho no calix do lyrio campestre, os seus prazeres, são risonhos e innocentes, como o primeiro raio de sol em um dia de primavera.

Passai, pois, alegrias ephemerhas das grandes cidades; o vosso ruido não accorderá os habitantes do campo, e a vossa passagem será unicamente um vestigio do pouco que podereis dar....

« A vida do operario, que se contenta com o que lhe basta, será cheia de doçura, e tu acharás n'ella um thesouro.

A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

Fé, esperança e caridade.

II.

ESPERANÇA.

Esta segunda virtude theologal, que nos deixa vêr ao longe o remate de nossos males, e o perdão de nossas culpas, é um pensamento lisonjeiro que nos embala e conforta, é uma virtude que nos força a praticar o bem, quando a consciencia nos aponta os erros que a todo o momento praticamos. O Evangelho nos aponta a esperança em Deus como juiz supremo, mas cheio de bondade e clemencia, mais propicio a perdoar, que a castigar.

Manda ter esperança na salvação da alma, ao homem justo, esmoler, que longe de mesquinhas tricas passa uma vida regrada e sem mancha, praticando sempre o bem, e aborrecendo ás más acções, furtando-se aos prazeres mundanos na esperança de viver em paz na vida eterna.

Manda ter esperança, ao malvado, a quem a justiça humana obriga a uma vida forçada e trabalhosa, aonde não pôde descançar o corpo das fadigas continuas, mas que por este meio chega a conhecer todo o pezo do presente, e o horror do passado, e que então alongando a vista para o futuro, se lembra que um dia ha de dar contas a Deus do mal que cometeu, e que Deus lhe levará em espição de suas culpas ou crimes, o martyrio a que forçadamente obriga o corpo, e nessa esperança fortifica o pensamento, prostra-se em oração, e chega muitas vezes a um verdadeiro arrependimento, e na hora extrema nessa, hora de terror para todos, quando a voz da religião lhe disser apontando-lhe para o céo, é lá... só lá que existe a esperança, elle se possuirá da virtude, e morrerá sem dôr. Está porém de tal sorte adulterado o sentido da palavra hoje, que esperança é banalidade; espera-se tanto pela sorte grande, e ella não sahe quasi nunca áquelles, que mais ávidos se atiram ao jogo, e perdendo a esperança no lucro, chegam tambem a perdel-a para a salva-

ção da alma. E a quem se deve isso? á nossa sociedade d'hoje!! á illustração do seculo!! á civilização moderna!! que no seu adiantamento ainda manda levantar uma força!! esse sarcasmo de nossos dias!! *na esperança de metter medo e respeito aos homens*: ainda manda levantar a força, mais vergouhosa á sociedade que a consente, do que a aquelle, a quem obrigam a subir-lhe os degraus que direito tem os homens para abuzarem de uma lei barbara, e levarem seu semelhante a uma morte immediata, sem arrependimento, e sem esperança? com que mais direito se mata o assassino, do que elle matou? com o direito que dá a lei?! mas quem fez essa lei? os homens.... estaremos por ventura ainda nesses tempos em que a maior parte dos homens eram analfabetos?! Supprimem-se hoje em dia os livros em que se bebe o talento? Não são os homens d'hoje mais illustrados? precisamos por ventura de matar, quando se pôde dar ao criminoso um castigo, que o faça arrepender e chorar o mal que fez á sociedade, ou a um seu semelhante, e que uma vez arrependido, chegue a ter esperança na salvação eterna? que esperança pôde ter o homem preso, julgado e condemnado, a quem não dão mais que algumas horas para meditar na sua vida passada? nenhuma; ao passo que se fosse banida a pena capital, se obrigassem esse homem a trabalhos arduos e continuos, aonde elle cançasse o corpo, o espirito se desenvolveria, o horror de seu crime mostrado nessa expiação diaria o faria meditar, arrepender e chegar a ter esperança, não na clemencia dos seus semelhantes, mas na bondade infinita de Deus. É pois a esperança d'hoje, o dinheiro; é a mola que encaminha a sociedade d'hoje. Que esperança pôde ter um peccador, que se ajoelha aos pés do sacerdote. e lhe confia seus erros ou peccados, de quem ouve poucos ou nenhuns conselhos, mas que em compensação vê esse mesmo confessor despidido das vestes sacerdotaes, occultando com a comprida e frisada cabelleira o unico simbolo do seu ministerio, que não pôde deixar em casa; mettido em uma orgia, e sahindo com mais libertinagens do que aquelles de que foi o confidente? que esperança pôde ter tal penitente? nenhuma!! Logo a palavra está adulterada, o pensamento pervertido e a virtude desleixada. Esperam hoje os nossos contemporaneos sómente pela felicidade terrestre, e só na hora extrema é que se lembram da esperança celeste; espera a benevolencia social o homem que se diz apatacado, em quanto que o pobre espera ouro para com elle se assenhorear e figurar no seio da sociedade do muito illustradissimo seculo.

(Continúa).

JOAQUIM AUGUSTO.

POESIAS.

Canção pastoril.

Indo eu hontem levar o manso gado
A beber ao mais proximo ribeiro,
Vi de Eulina o seo doce nome escripto
No tronco de um salgueiro;
Li então e reli inda confuso,
O magico lettreiro.

Subi ao annozo tronco n'um momento,
E beijei-o mil vezes com transporte!
E apertando-o depois contra meu peito,
Com tão maga ternura
O beijava de novo que sentia,
Nascer minha ventura.

Suspirando e descendo mui saudozo
Me fui sentar na verdejante relva
Que a formosa campina matisava
Em poetica magia;
A cantar estas trovas mui sentidas
A' brisa que corria:

« Ai Eulina, o teu Elmano
« Só por ti geme de amôr;
« Vôa, vôa... nos seos braços
« Abrandar a sua dôr.

« Tu não sabes o martyrio
« Que por ti anda a soffrer,
« Se não fosse o teu amôr
« Elle quizera antes morrer.

« Salve pois Eulina bella
« Bella virgem do senhor;
« Que dás vida nas saudades
« A teu firme adorador!

Em quanto que eu assim cantava triste,
Além uma donzella me escutava
A custo suffocando seus queixumes;
Mas soltando depois tambem seu canto
Repassado da mais agra saudade,
Os meus olhos moveu ao doce pranto.

Foi assim que cantou essa donzella
Graciosa pastôra;
Que na voz, e no gesto era tão bella
Tão bella, e seductôra:

« Elmano, ó terno Elmano, porque fôges
« A desditoza Eulina que suspira
« Em quanto tu nos braços d'outra amante
« Talvez dando a ventura que era minha!...
« Ha que dias não vens por estes sitios
« Como sempre tu vinhas por costume?!

« Já esqueceste as séstas que passamos
« A sombra d'estas tão fronzozas arvôres?
« Que amigas se mostrando, graciozas,
« Inclinam seus raminhos para o chão!...
« Esqueceste que aqui por tantas vezes
« Me juraste tamanha lealdade?
« Que eu no meio do transporte agradecia
« De mãos postas aos céos, tanta ventura!...
« Disseste que jámais outra mulher
« Faria o dôce objecto dos teus sonhos.
« Elmano, meu Elmano, tu de certo
« Olvidaste as promessas que fizeste
« A tua desditoza e triste Eulina,
« Que por ti desprezou tantos pastores,
« Sendo sempre fiel ao seu Elmano!...
« Se acaso habitares n'estes prados
« Escutando meu triste e vão lamento
« Querido Elmano... vem...vem a meus braços.

Logo me approximando fui do sitio,
Onde par'cia ouvir da minha amada
A meiga e dôce voz, que me erguia
No seu magoadado canto!
Abro os braços e caio entre seus braços
Por um magico encanto!...

Que queixumes me fez n'esse momento,
Quantas vezes de ingrato me chamou,
Quando com força ao peito me apertava
Saudoza suspirando!...
E que juras, protestos lhe não fiz
A seus pés ajoelhando!...

Logo após divagando pelo prado
Vinha Eulina a meu hombro reclinada,
Das fadigas de amor já repousada;
Té que o nosso rebanho recolhemos
E entre mil explosões de puro amôr
Saudozos outra vez nos apartemos.

« Eulina, se dos altos medronheiros,
« Tu desejas que tire o dôce fructo,
« Ou que vá percorrer pelos outeiros
« A perseguir a féra mais feroz;
« Levanta gentil nympha tua voz
« Tudo farei por ti, pois és divina
« Gracioza pastora, minha Eulina!

Era assim que eu cantava muitas vezes
Auzente da bellissima pastora;
Divagando saudozo pelos bosques
Da presada Pomôna, e bella Flôra.

A final seu rebanho despontava,
Corria para Eulina velozmente;
Que todas as fadigas me pagava
N'um beijo que me dava alegremente.

M. LEITE MACHADO.

As florinhas solitarias.

Triste florinha mimosa,
Desditosa,
Quem te trouxe para aqui?
Em profunda soledade,
Ai saudade!
Quem veio esconder-te assi?!..

Como foi que tu vieste
Aqui n'este
Solitario ermo parar;
Sem uma só companheira,
Feiticeira,
P'ra te poder deleitar?...

Porque das outras boninas
Pequeninas,
Vives assim separada?
Se aqui não gozas como ellas,
Mui singelas,
Caricias de minha amada!

Ai! Se acaso ella soubesse!
Se pudesse
Saber que aqui tu vivias!
Ha longo tempo, por certo,
No deserto,
Que tu não existirias!

Mas vem, florinha sentida,
Esquecida,
Tu mais não debes ficar...
De minha Julia, ao vergel,
Eu fiel,
Correndo vou te levar.

Da manhã quando n'aurora,
Seductora
Por elle for divagar,
Em desalinho, formosa
Descuidosa
Ha de contigo encontrar.

Co'os aureos, finos cabellos
Sem desvelos,
Á brisa soltos voando,
Apertar-te-ha junto ao seio,
Com enleio
Tristemente suspirando!

Impossivel « talvez diga,
« Flôr amiga,
« Quem te veio aqui depôr
« Não fosse meu Jonio qu'rido,
« Ai! sentido
« Não fosse o meu trovador!...

Vamos pois... porém, florinha,
Tu sósinha
Oh! não estás!... eu não via
Esta outra, que ao lado um pouco,
Triste louco,
Deixava sem companhia!

E' um suspiro donozo,
Melindroso,
Que habitava ao pé de ti!...
Ambas, pois, vinde... eu vos levo,
Jámais devo
Abandonar-vos aqui...

Porém que presentimento!
N'um momento
Achar saudade e suspiro!!...
Não vos levo, adivinhei,
Sim, já sei
Quem vos poz n'este retiro...

Foi Julia... dizei, foi ella,
Pura e bella,
Que vos veio aqui plantar?...
Não é aqui qu'ella, saudosa,
Vem chorosa,
Mestos suspiros soltar?...

Ficai, pois, bellas florinhas.
Tão sósinhas,
Aqui ficai em segredo;
Tendes quem venha de dia
Companhia
Fazer-vos neste degredo!

De vós, já levo a saudade.
Amizade
Já consagro a este lugar...
Ser mariposa eu quizera
Se podera,
Para comvosco ficar.

Porém, não sou bolicosa
Mariposa,
Comvosco não ficarei,
Mas de Julia, em liberdade,
A saudade,
Carpir junto a vós virei...

Virei meus turbos suspiros,
Meus delirios,
A vosso lado soltar!
Como Julia, com meu pranto,
D'amôr santo,
Vossa planta hei de aljofrar...

VARIEDADES.

OS PRETENDENTES

DE

AMELIA

COMEDIA EM UM ACTO

(Continuação).

CAPITULO III.

JULIA E DEPOIS ALEXANDRE.

JULIA. — Com a fortuna, o enredo da comedia vai ás mil maravilhas!... Veremos o desfecho.... oh deve ser muito interessante.... sim, deve ser mesmo muito interessante!... (*Vendo Alexandre entrar*) oh! quem será este sugueitinho!...

ALEXANDRE. — (*á parte*) Deos! é sua irmã!...

JULIA. — Quem procura o Senhor?

ALEXANDRE. — Seu pai.

JULIA. — Está fazendo as honras do festejo. (*á parte*) já vi este mancebo, porém me não recordo aonde! (*Alto*). Se quer irei chamal-o.

ALEXANDRE. — Oh! não é preciso minha boa menina, eu espero aqui por elle.

JULIA. — Como quizer.

ALEXANDRE. — Porém disse-me, será verdade que vossa irmã Amelia vai hoje tratar seu casamento?!

JULIA. — Assim ouço dizer, mas pelo que vejo, o Senhor conhece minha irmã?

ALEXANDRE. — Ah! quanto me fôra melhor nunca a ter conhecido!.. porém agora que lhe dei o meu coração, o meu amor, minha alma em fim!.. oh! é horroroso soffrer este martyrio.

JULIA. — Agora me recordo, o senhor é o antigo namorado de minha irmã!.. Se soubesse quanta pena me tem causado o senhor não ser preferido...

ALEXANDRE. — (*á parte*) como tem bom coração esta menina!..

JULIA. — Andam ahí certos marmanjos pretendentes, que lhes tenho mesmo uma quigila do diabo; mas eu lhe protesto que os hei de deixar a todos confundidos.

ALEXANDRE. — E vosso pai está disposto a fazer esse casamento?

JULIA. — Ninguém lh'o tira da cabeça. Esta reunião que hoje dá, é com o fim de ella fazer a escolha... que qualquer d'elles para mim não servia nem a pezo de ouro.

ALEXANDRE. — Todavia desejava fallar a seu pai, pois estou resolvido a empregar todos os esforços para impedir tal casamento.

JULIA. — Pois espere o senhor n'aquelle gabinete, que eu vou dar parte da sua chegada; e quando for occasião fallará a meu pai.

JULIA. — (*depois que Alexandre entra, serra-lhe a porta, e vai a sahir, porém ouvindo a voz do pai volta assustada*). Oh! é meu pai!..

SCENA VIII.

JULIA, AMBROSIO E AMELIA.

AMBROSIO. — (*Austero*) Não posso... não posso soffrer taes mariolas!... parece-me que se reconciliarain contigo!.. sem mais nem menos recusar a tua mão!.. isto é insupportavel... é uma offensa á minha pessoa!!! Fallar-se com um tal desengano... com tão pouco respeito!.. mariolas... tratantes!..

AMELIA. — E porque vos impacientaes com isso meu pai? foi bom conhecel-os a tempo, pelo contrario deveis estar contente.

JULIA. — (*aproximando-se do pai*). Meu pai... meu bom pai...

AMBROSIO. — O que me queres? não me venhas mais importunar.

JULIA. — (*com meiguice*) Não, meu paisinho, não; mas porque não deixais casar a mana com aquelle moço que lhe quer tanto.

AMBROSIO. — Cala-te, minha tagarella, cala-te.

JULIA. — Valha-me Deus...

AMELIA. — Meu pai, estou bem certa que se'o conhecesseis o haviás de estimar.

AMBROSIO. — Se assim é, eu desejo vel-o. (*á parte*). E visto que lhe tem amor, não deve recusar a sua mão.

JULIA. — (*contente*). Pois eu vou para a janella, porque são horas de elle passar, e quando o vir chamo-o, e está tudo acabado, depois meu pai se entenda lá com elle. (*corre para a janella*).

AMBROSIO. — (*sahindo*). Está bom, está bom. Amelia vai para seguit-o, porém Julia acena-lhe que volte a ter com ella).

(Continua).

Resposta espirituosa.

Luiz XIV, perguntou um dia ao duque d'Ajon, depois marechal de Noailles, se tinha mandado a sua baixella para a casa da moeda.

Não, Sire. Pois eu mandei a minha. Sire, quando Jesus Christo morreu em sexta feira, sabia que tinha de ressuscitar no sabbado.

TYP. AMERICANA DE JOSÉ SOARES DE PINHO

Rua da Alfandega n. 210.